

A ATUAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS NA POLÍTICA

CARINA ALVES TORRES¹
ALINE ACCORSSI³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – carinatorres123alves@gmail.com. Bolsista CNPq.

³Universidade Federal de Pelotas - aline.accorssi@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as mulheres indígenas têm alçado vários espaços sociais, no que diz respeito às atuações políticas e territoriais, fato notável no cenário político brasileiro. Essas representações constituem um marco histórico de luta e resistência diante da colonialidade do poder (QUIJANO, 2007) . Desse modo é importante destacar o protagonismo da ministra dos povos Originários Sonia Guajajara e da deputada Célia Xakriabá. São mulheres que estão atuando nas diversas pautas que perpassam o movimento indígena, tais como território, saúde e educação. Diante desse panorama, é possível observar a política de desmonte que ecoa frente às comunidades tradicionais, pleiteada pela bancada do boi, bala e bíblia da Câmara Federal e do Senado. Apesar da atuação consistente dos movimentos indígenas, a todo momento os direitos dessas populações são ameaçados. A partir dessa contextualização, situei à atuação das mulheres indígenas na região norte do Brasil, com destaque ao protagonismo da cacica Marlúcia, liderança do povo Apinajé, que atua nas diversas demandas que atravessam sua vida política e do seu povo. Assim, este resumo tem por objetivo geral, pautar a trajetória política dessa cacica, concomitante a sua atuação no conselho de saúde indígena e luta territorial.

2. METODOLOGIA

O estudo em questão parte de vivências etnográficas no contexto temporal de Março de 2023 a Julho de 2024. Inspiro-me nos aportes teóricos decolonias para conhecer o cotidiano político da cacica Marlúcia e as trajetórias que perpassam sua relação corpo-território (BANIWA; KAYGANG, et,al 2023) . Desta maneira, parti das críticas da antropóloga Jozileia Kaingang (2016) acerca das etnografias que ainda adotam os moldes tradicionais elencados nas raízes do colonialismo e viés descritivo. Perante à essa crítica, situei comportamentos e práticas que se dissociam da premissa colonial e de ações que pudessem

remontar a memória colonial. As vivências etnográficas ocorreram na aldeia Barra do Dia, comunidade que Marlúcia chefia e nas trajetórias políticas que ela constrói na cidade de Tocantinópolis-To. Durante as vivências etnográficas pude conhecer as trajetórias que atravessa a atuação política da Marlúcia, elencada em reuniões, aticulações e mobilizações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história das mulheres indígenas, por muito tempo, foi situada pelo viés colonial, representadas pela feitiçaria, selvageria e sujeitas desviantes (SAMPAIO, 2021, p.39). Perante a esse fato, Elisa Ramos (2021) destacou que a mais de 500 anos, essas mulheres vêm resistindo a essas violências e outras formas de inferiorização. Assim como a estudiosa Linda Smith (2018) apontou que “durante os últimos quinhentos anos o projeto indígena que teve mais prioridade foi *sobreviver*”.[...]. Desse modo as nações indígenas, são resistências diante da colonialidade do poder (QUIJANO, 2010, p.81) e das mazelas que esse sistema se organiza na atualidade. Outrossim, na realidade Apinajé, as mulheres estão assumindo a estrutura política, como prática de ruptura da ordem colonial, com movimento de inserção no cacicado a partir dos anos 2000. Simultaneamente no movimento indígena brasileiro, as mulheres indígenas, também ocupavam os espaços de poder com recorrência, assim como outras instâncias da sociedade. Até o ano de 2018, 11 mulheres ocuparam o cacicado Apinajé (ROCHA, 2018, p.54). A cacica Marlúcia é uma das mulheres do povo Apinajé que se destaca nas atuações políticas, frente às pautas territoriais, educacionais e de saúde. Atualmente ela é presidente do Conselho de saúde Apinajé, em que atua juntamente com outras lideranças, com a finalidade de fiscalizar e resolver os problemas que perpassam as questões de saúde. Em sua trajetória política, fundou sua aldeia, participou de mobilizações em em defesa do território, educação e saúde. Além de participar das reuniões da Associação *Pempxá* (Associação das aldeias do povo Apinajé), com atuação alicerçada pelos saberes ancestrais e cosmologia que atravessa seu povo. Durante as vivências de campo, percebi que Marlúcia evoca a ancestralidade pautada pelas pinturas corporais, cantorias, alimentação e cura ancestral. Fato memorável no povo Apinajé, em ecoar a cosmovisão Panhi (como os Apinajé se autodenominam). Perante a

esses fatos, tenho observado que as mulheres estão protagonizando ações e manifestações empoderadas pelo espaço político, assim como no contexto político nacional (MILHOMEM 2021, p.104). Estas novas representações têm impulsionado cada vez mais, outras mulheres a ocuparem os espaços políticos de suas aldeias, escolas, Postos de Saúde e associações.

4. CONCLUSÃO

Vivenciar a experiência política da cacica Marlúcia, tem proporcionado olhar para as novas dinâmicas sociais das mulheres indígenas na atualidade, alicerçada nas práticas ancestrais, territoriais, educacionais e de saúde. Contudo no contexto nacional brasileiro, essas representações são perceptíveis, ancorada em mulheres ocupando o Ministério dos Povos Originários, Presidência da Funai, Câmara Federal. Já no Apinajé essas funções são demarcadas pela inserção no cacicado, e outras instâncias política. Assim como na fundação de aldeias e nas representatividades locais, tais como Conselho de Saúde Indígena e Educação. Conhecer a atuação política de uma liderança indígena, remontou a olhar para os diversos desafios que perpassam a inserção das das mulheres na estruturas de poder, evocadas pela violência colonial, patriarcal e machista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Braulina. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!**/Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang, Giovana Mandulão ; organização Kassiane Schwingel. – Porto Alegre : Fundação Luterana de Diaconia : Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

MILHOMEM, Sandra Rodrigues da Silva. **Ser Mulher indígena: Território, Identidade e protagonismo.** Dissertação (Mestrado Acadêmico)- Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína-Curso de Pós Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, Araguaína, 2021.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder e clasificación social.** In: CASTRO GÓMEZ, S.; 156 GROSFOGUEL, R. (Org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas Allá del capitalismo global.** Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar; Universidad central IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

RAMOS, Elisa Urbano. **Relato de experiência/memorial. Do tronco velho Pankararu aos estudos sobre mulheres indígenas.** In: Vivências diversas: Uma coletânea de indígenas mulheres. Organização BraulinaBaniwa, JozileiaKaingang, Lucinha Tremembé. 1. ed. São Paulo. Hucitec, 2020. p. 25-42.SAMPAIO, Paula Faustino. **Indígenas mulheres entre colonialismos e resistência de longa duração - séculos XX e XXI.** Editora Cancioneiro, 2021.

ROCHA, Welitânia de Oliveira. **O movimento das mulheres indígenas Apinajé: Tempo, Política e chefia feminina.** 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília. DF: Brasília, 2018.

SAMPAIO, Faustino Paula. **Indígenas Mulheres entre colonialismos e resistências de longa duração-séculos XX e XXI/** Teresina; Cancioneiro, 2021.

SCHILD, Joziléia Daniza Jagso Inacio Jacodsen. **Mulheres Kaingang, seus caminhos, políticas e redes na TI Serrinha.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, Santa Catarina. 2017.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba; Ed. UFRP, 2018.